

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRIPLISMO

Nas *Deae Matres* da Britânia Romana

ÉRIKA VITAL PEDREIRA*

RESUMO

Este breve artigo consiste em uma revisão de algumas imagens utilizadas em nossa dissertação de mestrado, *Transmitindo Mensagens: As Representações das Deusas-mães da Britânia Romana (séculos I e II d.C.)* - PPGH/UFF. Nosso objetivo é, a partir da análise do *triplismo* presente nessas imagens, atestar a formação de práticas de religiosidade híbridas, neste caso em particular, no culto às *Deae Matres* da Britânia, graças ao contato e interações ocorridos entre práticas locais - manutenções - e romanizadas - entrada de uma nova estética de produção e novas crenças.

Palavras-chave: Iconografia; *Triplismo*; *Hibridização*.

ABSTRACT

This short article consists in a review of some images used in our dissertation, *Transmitting messages: representations of the mother-goddesses of Roman Britain (first and second centuries A.D.)* - PPGH / UFF. Our goal is to attest to the formation of hybrid religious practices, from the analysis of the *triplism* present in these images. In this particular case, we study the worship of *Deae Matres* of Britain, as a result, of the contact and interactions occurring between local practices - maintenance - and Romanized ones - entry of a new aesthetic of production and new beliefs.

Keywords: Iconography; *Triplism*; *Hybridization*.

* Doutoranda em História Social pela Universidade Federal Fluminense (PPGH/NEREIDA/CNPq).
Email: erikavitalp@yahoo.com.br

Este breve artigo foi baseado no capítulo três de nossa dissertação de mestrado, *Transmitindo Mensagens: As Representações das Deusas-mães da Britânia Romana (séculos I e II d.C.)*, pela Universidade Federal Fluminense, defendida em março de 2014. Nela, dedicamo-nos a tratar das divindades conhecidas como *Deae Matres*, *Matres* ou deusas-mães e como estas passaram a ser representadas iconograficamente durante os dois primeiros séculos de conquista da Britânia pelo Império Romano. Tratamos assim de analisar a formação de uma sociedade híbrida, construída do contato entre os “romanos”¹ que ocuparam a província e as populações locais, a partir das imagens dessas divindades.

Por seguirmos uma abordagem pós-colonial utilizamos como base de nossos estudos os achados de cultura material, mais precisamente a iconografia, a fim de compreender o contato e dominação sob o ponto de vista das sociedades locais, que não permaneceram passivas nesses processos. Desta forma, defendemos que a iconografia possui informações importantes sobre uma sociedade, constituindo uma mensagem visual, que diz respeito aos hábitos, modos de vida, religiosidade e cotidiano de um determinado grupo².

As imagens, como “composição de signos criadoras de significados, são espaços de articulação de unidades formais mínimas, segundo uma lógica, gerando sistemas comunicativos”³. Segundo Bérard⁴, as imagens são como narrativas que abordam questões do cotidiano através da união de elementos estáveis e constantes presentes na sociedade estudada; e esses elementos se articulam na imagem para formar uma mensagem, que faz sentido para os membros da comunidade, que compartilham o mesmo referencial cultural.

Para este artigo, ocupamo-nos em analisar apenas algumas das imagens que consideramos mais interessantes, privilegiando a multiplicação ou *triplismo* presente nas mesmas, visto que, trata-se do tema principal de nossa pesquisa atualmente. Nosso objetivo é demonstrar como, apesar da introdução de uma lógica romanizada, as práticas locais não desapareceram, mas, conjugaram-se com essa, criando novas práticas híbridas.

Segundo Bhabha⁵, esse processo constitui uma negociação que ocorre no cotidiano vivenciado e consiste na adequação dos valores e práticas inseridos pelo colonizador às necessidades específicas de um novo contexto cultural. Durante o período de ocupação romana, por exemplo, a produção estatuária da Britânia sofreu transformações, ganhando maior vigor. Verificamos, assim, um aumento nas representações antropomórficas de divindades locais, contudo o estilo decorativo indígena não desapareceu. Ainda que a estética Clássica tenha sido dominante nesse período, o estilo de produção local continuou a ser utilizado, principalmente, sob a forma de cabeças exageradamente grandes, corpos esquemáticos e na manutenção da multiplicação, gerando uma produção iconográfica de caráter híbrido.

Seguindo a mesma lógica pós-colonial, Jimenez⁶ propõe o conceito de *hibridização* como uma revisão ao *hibridismo* de Bhabha⁷, na tentativa de

1 Os “romanos” que adentraram a Britânia em um primeiro momento não eram provenientes da cidade de Roma, tampouco da Península Itálica, antes eram membros de legiões e tropas auxiliares advindos de outras províncias como Gália, Germânia e Hispânia. Dentre eles também estavam mercadores vindos de diversas regiões do Império.

2 THEML, N. Ordem e transgressão do corpo nos vasos atenienses. In: SILVA, F. C. T. *História e Imagem*. Rio de Janeiro: UFRJ, IFCS, PPGHC, 1998, p. 305-319.

3 SCHMITT-PANTEL, P.; THELAMON, F. Image et Histoire: illustration ou document. In: LISSARRAGUE, F.; THELAMON, F. (eds), 1983, p. 9-20; BÉRARD, C. *Héros de tout poil. D'Hérakles imberbe à Tarzan barbu: Petite sémiologie d'Hérakles*. In: LISSARRAGUE, F.; THELAMON, F. (eds), 1983, p.9-20.

4 *Ibidem*.

5 BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

6 JIMÉNEZ, A. “Pure hybridism: Late Iron Age sculpture in southern Iberia”. In: *World Archaeology* Vol. 43(1), 2011, p.102-123, p.113.

7 BHABHA, *op. cit.*

ênfatizar o dinamismo do processo, bem como demonstrar que as sociedades locais não permaneceram passivas às transformações oriundas da dominação.

Antes de mais nada, um breve comentário sobre nossos objetos de estudo – as *Deae Matres* da Britânia em suas variadas representações – faz-se necessário. O fato de as populações celtas possuírem atividades econômicas basicamente agrárias explica, em muito, as práticas religiosas que ressaltam as estações do ano e a Mãe Terra. As *Matres*, por exemplo, eram divindades extremamente maternais e seu culto teria surgido a partir de práticas relacionadas à fertilidade, tendo, posteriormente, se desenvolvido para um conceito mais profundo, relacionando-se também à proteção, bem-estar e pós-morte de seus dedicantes⁸.

Não apenas as *Matres*, mas as divindades femininas como um todo, possuíam funções concernentes à fertilidade e à vida, e como nos aponta Cunliffe⁹, eram amplamente cultuadas como protetoras das vias aquáticas. A água, em seus mais variados cursos, era fonte de veneração especial para as sociedades celtas, pois, além de ser entendida como uma fonte de vida e cura e como um meio que possibilita a locomoção, também poderia ser destrutiva, através, por exemplo, das tempestades¹⁰.

Na tradição celta a água é o elemento fundamental da criação e no qual se processam as transformações de todos os seres vivos¹¹. Desta forma, encontramos muitos indícios da utilização da água e/ou de cursos d'água, bem como meios aquáticos como um todo, para fins rituais. Existem assim, fortes evidências da associação entre a água e a cura, regeneração e fertilidade¹². O templo de Bath, por exemplo, era um local de cura de regeneração de enfermos, graças a presença de fontes termais associadas à divindade Sulis, que representava o espírito da água personificado.

As funções das divindades também ficam visíveis nos atributos com o quais são representadas. A presença de crianças e bebês, muitas vezes sendo amamentados ou apaziguados evidenciam um caráter maternal; a presença de pães, frutas, bolos, entre outros, relaciona-se à fertilidade, prosperidade e abundância; enquanto a presença de cães, serpentes e outros animais, caracterizam uma relação com o pós-morte, ou até mesmo com a cura e/ou renascimento¹³. Assim sendo, defendemos que na análise das imagens nada deve ser ignorado, cada detalhe deve ser explorado, visto que “a obra de arte é sempre heterogênea, associando e combinando fragmentos, que ao nível da representação se inserem em conjuntos de variadas experiências”¹⁴.

Umadas características mais marcantes das *Matres* é a multiplicação. Também conhecido como o fenômeno religioso do *triplismo*, a multiplicação teria como objetivo principal potencializar a divindade e seus atributos, representando o seu poder visivelmente, ou ainda, retirar a divindade do mundo “real” e limitado dos seres humanos e coloca-la no mundo do sobrenatural¹⁵.

Em meio as populações celtas, o três significava ou representava o “todo”, a completude, tanto em termos espaciais (céu, terra e mundo aquático), quanto em termos temporais (passado, presente e futuro), e inclusive, parentais (antepassados,

8 Em particular, na Britânia, que foi uma província ocupada inicialmente pelo exército, verificamos, assim, em grande parte das inscrições epigráficas, dedicações feitas às deusas-mães por homens que se identificam como membros de legiões e tropas auxiliares.

9 CUNLIFFE, B. *Fertility, Propitiation and the gods in the British Iron Age*. Vijftiende Kroon-Voordrecht, 1993, p.14.

10 GREEN, M. *Symbol and Image in Celtic Religious Art*. Londres: Routledge, 1992, p.138

11 GUYONVARCH; LE ROUX. *A Civilização celta*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1986, p.384.

12 ALLASON-JONES, L. *Roman jet in the Yorkshire Museum*. UK: Paperback, 1996.

13 GREEN, *op. cit.* p.203

14 FRANCASTEL, P. *A realidade figurativa*. Rio de Janeiro: Perspectiva Editor, 1993, p.25

15 GREEN, *op. cit.* p.169.

contemporâneos e descendentes)¹⁶. Desta forma, o triplismo está presente na grande maioria das representações que encontramos das *Matres*, mas apresentando algumas variações de imagem para imagem. A esse respeito, Lambrechts¹⁷ ressalta que triplicar as imagens religiosas era uma maneira de dignificar e enfatizar o poder e magnificência das divindades.

Em um grande número de estatuetas observamos a presença de três divindades com características e atributos diferentes entre si. Na imagem 1 identificamos três divindades com suas individualidades marcadas pela posição que ocupam na representação, pelos seus gestos e atitudes, o que, segundo GREEN¹⁸, pode significar três divindades distintas, que unidas podem ser mais poderosas; também podem significar diferentes fases da vida da mulher (juventude, maternidade e velhice); ou ainda, pode significar que cada divindade se relaciona a uma questão da vida de seus dedicantes (nascimento, fertilidade e morte).



Imagem 1: retirada do acervo do Corinium Museum, Cirencester <https://coriniummuseum.culturalspot.org/>

Nessa imagem em particular, encontrada em Ashcroft, Cirencester e datada do século II d.C., as *Matres* aparecem sentadas em semicírculo de forma descontraída, relaxada e informal e o caráter maternal está visível pela presença de três infantes que acompanham as divindades. A criança que acompanha a *Máter* da esquerda parece ser amamentada, o que representa cuidados maternos, provisão de alimentos e nutrição, também faz alusão à fertilidade da terra – Mãe Terra. O próprio leite, líquido, representa a água, que é fonte de vida.

O fato de os infantes estarem nus, pode significar ingenuidade, vulnerabilidade e necessidade de cuidados e proteção, o que em nosso entendimento, seria uma alusão aos próprios seres humanos, que em suas dedicações e rituais buscam o amparo das divindades.

Por fim, um atributo interessante é o cão de pequeno porte carregado pela *Máter* central, este ser, além de fazer menção ao mundo natural, também demonstra uma relação com o sobrenatural, simbolizando regeneração e vida no pós-morte.

Em algumas representações aparece uma única *Máter* carregando atributos

16 BLANCO GARCÍA, J. F. "Triplismo en la Hispania céltica". In: *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, 77-78, 2011-2012, p. 171-202, p.173.

17 LAMBRECHTS, P. *Contributions à l'étude des divinités celtiques*. Brugge, 1942, p.33-34.

18 GREEN, *op. cit.*

triplicados, ou ainda, acompanhada por três entidades. Neste caso, a repetição de um mesmo elemento pode significar “intensidade, a intenção de conotar a dualidade ou mais facetas do que está sendo figurado ou de valores a ele ligados, tentativa de perfazer o todo pela dupla [ou tripla] representação de uma parte”¹⁹. Na *imagem 2*, também da região de Ashcroft, Cirencester e datada de fins do século I d.C., observamos a Mãter sentada, carregando três frutas esféricas em seu colo. A divindade parece estar vestida para um ritual, utilizando sobre a cabeça uma *palla*²⁰. Neste conjunto, interpretamos, a esfera como um símbolo de eternidade, início, meio e fim e o próprio ciclo vital.



Imagem 2: retirada do acervo do Corinium Museum, Cirencester <https://coriniummuseum.culturalspot.org/>

Como ressaltamos anteriormente, muitas das representações das *Matres* e de outras divindades, durante o período de ocupação romana da Britânia, receberam uma estética romanizada, com elementos que remetem a divindades do Panteão Greco-romano, como na *imagem 3*, encontrada em Ashcroft, Cirencester; mas, por serem divindades essencialmente locais e por manterem características também locais (*triplismo*, funções e atributos), possuem um caráter híbrido. Nessa representação, que permeia os séculos I e II d.C., observamos que as *Matres* apresentam características de matronas romanas, em suas vestes (túnicas e *stolas*²¹) e em seus penteados (*tutulus* e *vitae*²²).

Acreditamos que, o fato de as divindades com funções maternas, ainda que essencialmente locais, como a *Matres*, serem representadas com trajés próprios de mulheres romanizadas da elite, sugere um alto status conferido a essas deusas, garantindo-lhes importância e prestígio dentro de uma sociedade em pleno processo de hibridização. Isto porque, as vestimentas e adornos proporcionavam às mulheres certa autoridade, influência e poder no meio social²³. Segundo Olson²⁴, o vestuário entre outros símbolos visuais, era uma “forma muda, mas imediata e eficaz, de transmitir uma infinidade de fatos para o espectador: riqueza, posição social, nascimento, prestígio, entre outros.”

19 FRONTISI-DUCROUX, F. *Face et profil: les deux masques*. In: BÉRARD, C; BRON, C; POMARI, A (eds), 1987, p. 89-102.

20 Tecido utilizado para cobrir a cabeça, geralmente quando existe uma atividade ritual em curso.

21 Peça de vestuário feminino, que consistia em um tecido plissado, correspondente à toga masculina e também utilizada por sobre a túnica. Era utilizada geralmente por mulheres casadas.

22 *Tutulus* é um estilo de penteado originalmente etrusco em forma de coque atrás da cabeça comum às matronas romanas; *vitae* consiste em uma pequena faixa de lã, presa sobre a cabeça, utilizada geralmente por noivas e jovens mulheres.

23 OLSON, K. *Dress and the Roman woman Self presentation and society*. London and New York: Routledge, 2008, p.5.

24 *Ibidem*.



Imagem 3: retirada do acervo do Corinium Museum, Cirencester <https://coriniummuseum.culturalspot.org/>

Ainda sobre a *imagem 3*, verificamos que tanto os atributos das deusas, quanto suas vestes, penteados e feições apresentam claras diferenças entre si, marcando como vimos, três divindades distintas, que poderiam representar as diferentes fases da vida das mulheres, por exemplo.

Contrastando com as imagens anteriores, na *imagem 4*, encontrada em Bath e também produzida entre os séculos I e II d.C., identificamos o que pode ser considerado uma arte mais esquemática e com características locais. Segundo Green²⁵, as representações humanas locais carregavam rostos semelhantes a máscaras, enquanto seus corpos eram rígidos e seus braços estavam, geralmente, cruzados. Na imagem ainda identificamos uma maior evidência dada a cabeça, em relação aos outros membros do corpo, pois esta possuía uma significação especial para essas sociedades²⁶.



Imagem 4: GREEN, M. *Symbol and Image in Celtic Art*. Londres: Routledge, 1995, p.201

A despeito das outras representações aqui analisadas, o que nos chama atenção na *imagem 4* é o seu período de produção – fins do século I e início do século II d.C. – que representa um momento de relativa consolidação da conquista romana da Britânia, deixando-nos a questão: seria essa uma tentativa de retorno a uma estética local mais esquemática? Acreditamos ser um exemplo da manutenção do artesanato indígena (artesão local, material – argila, estética,

²⁵ GREEN, M. *Arte Celta*. Madri: Akal, 2007, p.116.

²⁶ *Ibidem*, p.115.

multiplicação), tendo em mente que, as deusas-mães não possuíam uma representação antropomórfica pré-romana e foram idealizadas em meio ao contexto de dominação e contato.

Aproximando-nos da conclusão deste artigo, não podemos deixar de tratar da associação feita entre as *Matres* e entidades do imaginário religioso e mitológico Greco-romano, como as ninfas e as parcas. Tanto a tríade, quanto seus atributos relacionados aos meios aquáticos, à natureza e à fertilidade – ninfas – assim como ao ciclo vital (nascimento, fertilidade, morte e pós-morte) e destino dos indivíduos – parcas – podem ter contribuído para essas associações, encontradas não apenas em iconografia, mas, grande parte, em inscrições epigráficas.

Na *imagem 5* a deusa Coventina é representada sob a forma tripla e com características que remetem às ninfas, imersa em meio natural, no caso aquático. Neste relevo, que foi encontrado no poço dedicado à deusa, em Carrawburgh, próximo à Muralha de Adriano, podemos identificar diversos elementos que remetem à ligação de Coventina com a água: os jarros que carregam, que fazem alusão ao próprio poço; suas vestes, cujas ondulações sugerem que a divindade está submersa; o fluxo d'água que sai dos jarros sugere uma fonte perene, garantindo o abastecimento de água e a fertilidade da terra.



Imagem 5: ALLASON-JONES, L. Coventina's Well. In: BILLINGTON, S. e GREEN, M. The Concept of goddess. London & New York: Routledge, 2002, p.111

O fato de uma das deusas estar com o corpo voltado para a esquerda, enquanto as demais estão com os corpos voltados para a direita, faz parecer que estas são reflexos da primeira formados pela água, o que pode nos levar a hipótese de que se tratam de uma divindade e duas réplicas. Contudo, acreditamos na associação de Coventina com as ninfas, em especial nessa imagem, pois, próximo ao poço dedicado à divindade foram encontradas inscrições que fazem alusão a essa associação, dentre elas:

NINPHAE COVENTINAE...TIANVS DECVRIO...SLE...V...M

Para ninfa Coventina [...] Tianus, o decurião [...] um voto [cumprido livremente e] merecidamente
(altar em pedra²⁷)

DEAE NINFAE COVENTINE MADVHVS GERM POS PRO SE ET SVIS VSLM

Para deusa ninfa Coventina, Maduhus, o germano, cumpriu um voto de bom grado para ele e sua família

²⁷ The Roman Inscriptions of Britain by R.G. Collingwood & R. P. Wright An Epitome http://www.roman-britain.org/epigraphy/rib_index.htm, inscrição 1527; último acesso em 20/01/2016.

(altar em pedra²⁸)

Assim como Coventina, as *Matres* também sofreram associações, principalmente com as parcas. Essa associação, além de ser motivada pela representação tripla, também se relaciona com a ligação das *Matres* com o ciclo vital dos seres humanos, protegendo os indivíduos desde o nascimento – caráter maternal; auxiliando na manutenção da fertilidade e da saúde; sendo protetoras em batalhas, na hora da morte e no pós-morte, assim como as parcas, que segundo a mitologia, tecem o fio da vida.

Dois inscrições relacionando as *Matres* às parcas foram encontradas, a primeira em Skinburness e a segunda em Carlisle:

MATRIBVS PARCIS VITI VACI...

Para as *Matres*, as *Parcas*...

(altar em pedra²⁹)

MATRIB PARC PRO SALVT SANCTIAE GEMINAE

Pelo bem estar de Sanctia Gemina, para as Deusas-Mães, as *Parcas*.

(base em arenito³⁰)

A partir do exposto, concluímos que as interações ocorridas durante o processo de ocupação romana da Britânia por meio da constante circulação, adoção e ressignificação de códigos, deu origem a uma nova dinâmica social, sustentada por práticas híbridas, como observamos no culto às *Deae Matres*. Através da iconografia dessas divindades, consideramos terem sido elas marcadas pelo processo de *hibridização* de diversas formas.

Devemos, assim, considerar seu caráter local, pois eram cultuadas na Britânia antes da ocupação; ao mesmo tempo, só recebem uma representação antropomórfica durante o período romano, representação esta, que apesar de remeter muito a uma estética clássica, mantém atributos e funções preexistentes, além do próprio *triplismo*, característica essencial dessas divindades já anterior à conquista romana; algumas representações, apesar de antropomórficas, são produzidas sob uma estética mais estilizada e esquemática, comum em produções locais; a associação entre essas divindades e seres/entidades da mitologia Clássica demonstra uma tentativa, por parte dos dedicantes, em ressignificar suas práticas rituais a fim de atender às novas demandas.

Por fim, é importante ressaltar que os dedicantes/devotos das deusas-mães na Britânia eram basicamente indígenas ou ainda indivíduos vindos de outras províncias já conquistada por Roma (soldados, mercadores), logo, trouxeram eles uma bagagem cultural própria, composta por práticas já romanizadas, que auxiliaram na composição e criação de novas crenças e representações das divindades.

28 *Ibidem*, inscrição 1526.

29 *Ibidem*, inscrição 881.

30 *Ibidem*, inscrição 951.